



A Chave de Fenda como um Fio Narrativo da 1ª Temporada da Série *Orange is the new black* da Netflix

Bruno Vinelli Nunes de Oliveira ARAUJO¹
Prof. Dr. Marcel Vieira Barreto SILVA²
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

Resumo

Orange is the new black foi produzida pela empresa americana Netflix e mostra a vida de Piper Chapman que fora presa por tráfico internacional de drogas e cumpre sua pena em uma prisão federal de média segurança. Cada episódio conta a história de uma detenta e sua relação com a protagonista durante toda sua primeira temporada. Neste artigo, mostraremos como se organiza um dos fios narrativos, o desaparecimento de uma chave de fenda através do modelo contemporâneo da narrativa televisiva e assim esboçar um modelo analítico.

Palavras-chave

Netflix; narrativa; séries; arcos; fio narrativo.

Introdução

Neste século XXI, as salas de cinemas ficaram mais caras e estima-se que há uma elitização do local, perdendo o público para os DVDs piratas e arquivos baixados pela Internet. Além disso, o crescimento da violência urbana contribui para o esvaziamento das salas de exibição, deixando uma parte desta faixa de pessoas em casa nas redes sociais, assistindo TV aberta ou paga. Estas também estão perdendo clientes pelo motivo de ter uma grade de programação rígida, ou seja, para uma pessoa assistir a série *Game of Thrones* que passa na TV a cabo, HBO, ela precisa está em casa no domingo, às 22 horas, na frente da televisão e permanecer durante os 50 minutos assistindo sem poder pausar (nos planos que não tem um decodificador que grave a programação desejada) e, se perder, terá que buscar uma reprise em outro horário. Nesse modelo de grade, o espectador é submisso do horário e do tempo. Então, com a popularização de canais, *on demand*, como YouTube, e arquivos baixados pela Internet pelo formato *torrent*, usando aplicativos como *utorrent*, muitos usuários perceberam uma vantagem de poder assistir seus programas na hora que podem, no lugar onde quiserem, sem ficarem reféns da programação. Portanto, o canal de conteúdo

¹Aluno líder do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso de Cinema e Audiovisual, email: brunovinelli@gmail.com.

²Orientador do trabalho. Professor do Curso de Cinema e Audiovisual, email: marcelvbs@hotmail.com



audiovisual pela Internet, a Netflix chegou com uma proposta de poder assistir seus programas a qualquer momento, bastando ter um acesso à grande rede e pagar uma mensalidade com um preço acessível a todos. Aqui no Brasil, há três planos: R\$ 17.90, R\$19.90 e R\$24.90. O próprio dono, Reed Hastings, fala em suas entrevistas que esse modelo padrão de televisão aberta que conhecemos acabará dentro 15 anos por causa do crescimento das redes de *streaming*, como o próprio serviço da Netflix. E assim, a TV perde audiência, por causa dos inúmeros canais, programas que há no mercado:

“O número de canais cresceu e a audiência de qualquer tipo de programa foi reduzida, as redes de televisão e seus canais acabaram por reconhecer que para um programa ser economicamente viável pode ser suficiente um público seguidor pequeno, porém dedicado” (MITTELL, 2012, p.34)

Além da proposta de assistir onde e quando quiser, a Netflix inovou lançando toda a temporada em um dia. Portanto, o público pode assistir a série de uma vez, também chamada pelo termo em inglês, *binge watching*, ou ver quando tiver tempo. Com essa mudança de paradigma foi preciso ajustar algumas narrativas e assim aumentar o público, durante a pré-produção, por meio dos trailers, quando há o lançamento, e os curiosos assistem e quando acaba de assistir, a propaganda de boca a boca, como ocorreu na série *Arrested Development* que voltou a uma quarta temporada depois de anos cancelada a pedido dos fãs, por causa da identificação ou não dos personagens e protagonistas.

“compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela “estágios”, projetar os encadeamentos horizontais do “fio” narrativo sobre um eixo implicitamente vertical”(BARTHES, 2009, p.27).

Destarte, a história está andando para frente e sabemos para onde está se encaminhando, mesmo que tenha grandes peripécias. Grandes séries tiveram quedas de audiência e foram canceladas, pois se perderam no meio do caminho.

Segundo Machado(2014, p.25)“Uma televisão de qualidade deve ser capaz de equacionar uma variedade muito grande de valores e oferecer propostas que sintetizam o maior número possível de ‘qualidades’”, e ainda afirma que a “Televisão é o meio hegemônico por excelência da segunda metade do século XX”(MACHADO, 2014,



p.15). Nas décadas de 60 e 70 houve um aumento do público assistindo à televisão, principalmente de programas que herdaram o sucesso das apresentações de auditórios que aconteciam nas rádios. No entanto, para competir com o cinema e os folhetins dos jornais e rádios, a TV iniciou com uma narrativa seriada ao qual o público poderia não apenas ouvir, como ver também suas histórias. E para fidelizar o público, a televisão incrementou uma grade de programação em horários fechados.

Durante a década de 80 e até meados de 90, as séries televisivas tiveram uma queda de audiência e de prestígio, principalmente o elenco que trabalhava neste formato. Alguns atores e atrizes preferiram fazer um filme a passar anos em uma série e os que voltavam para TV, eram considerados profissionais decadentes. No entanto, alguns programas tiveram um destaque como “Arquivo X” e “Twin Peaks”, um com uma narrativa procedural e outro inovando em uma narrativa complexa.

Com a chegada do século XXI houve um crescimento na produção das narrativas seriadas televisivas e com uma qualidade por excelência em seus roteiros e na sua estética. “*Quality television* passa então a ser uma expressão rapidamente tomada como bandeira para uma bordagem diferenciada da televisão”(MACHADO, 2014, p.22). Por exemplo, “Os Sopranos” e *The Wire*, todas produzidas pela HBO, que inovaram com os padrões televisivos, com a retirada da pausa para propaganda no meio da série. Antes, os intervalos indicavam o fim e a volta do programa, o início de um novo ato. Com essa mudança, sem intervalo comercial, ficou implícito, cada início e fim do ato, em sua narrativa. Além das duas séries citadas, temos “*Breaking Bad*(2008-2013)”, “*Game of Thrones*(2011-)” como exemplos de séries complexas e de excelência. Em paralelo, no ano de 1997, surgia nos Estados Unidos, uma empresa que alugava filmes em DVD e enviava pelos correios aos clientes, gerando um modelo mensal de assinatura com locação ilimitada. Dez anos depois de sua criação, em 2007, ela estabelece um serviço que permite assistir aos filmes pela Internet, chamada VOD (*Video On Demand*). Assim crescia a empresa chamada Netflix. Chegando com uma nova forma de assistir televisão e acabando com o formato tradicional com horas, programas fixos e criando um modelo sem grades, não linear, no qual o assinante escolhe o momento e local onde quer assistir, bastando estar conectado à Internet.

Clayton Christensen formulou um conceito chamado inovação disruptiva. Este termo apareceu pela primeira vez em um artigo de 1995, *Disruptive Technologies: Catching the Wave* e o autor conta melhor sua teoria nos livros *The Innovator’s Dilemma* e *The Innovator’s Solution*. Mostra que a tecnologia mesmo que seja avançada



será usada para tentar simplificar e baratear o serviço ou o produto. Por isso que a Netflix está na mídia e por um preço mensal baixo. O cliente tem acesso a inúmeros filmes, séries antigas e conteúdo original, como “*Orange is the new black*”, “*House of Cards*”, “Demolidor” e com um diferencial: toda a temporada é lançada na rede, acabando com a espera de uma semana para ver um novo episódio. Ou seja, o espectador pode assistir toda a temporada em um dia, enquanto que as séries da televisão tradicional demoram, em média, de 3 a 6 meses de duração. Criando um novo conceito chamado “*Binge Watching*” ou traduzindo para o português é assistir até se cansar.

“Esta inovação da Netflix demonstra que o principal numa série é a criatividade com relação à estrutura narrativa, às estratégias narrativas, ao formato narrativo. Dê ao público uma boa trama, bem amarrada, com grandes personagens; conte bem a história e a série terá o seu público. Assistindo uma vez por semana, todos os dias, ou de uma vez só. Não é o modelo de negócio – divulgue em pedaços que o público comprará do jeito que você quer – que faz a narrativa seriada ter sucesso. O que faz a narrativa seriada ter sucesso, desde o folhetim, é a divisão em pedaços, são as perguntas lançadas para serem respondidas que obrigam o espectador a assistir o episódio seguinte” (RODRIGUES, 2014, p.135)

Dois séries exclusivas da Netflix, *House of Cards* (criado por Beau Willimon, 2013) e *Orange is the new black* (criada por Jenji Kohan, 2013), já foram premiadas no Emmy e Globo de Ouro. A série do Willimon é a primeira a ter o seu conteúdo disponível, exclusivamente, na Internet e não em uma TV a Cabo ou de conteúdo aberto. Ela levou os prêmios do *Emmy Primetime* de melhor direção, melhor elenco e melhor fotografia em 2013.

A série *Orange is the new black* (2013-) é uma adaptação do livro de Piper Kerman que fala da prisão da autora por lavar dinheiro para o tráfico internacional de drogas e aborda a sua vivência neste mundo durante os seus 15 meses de confinamento. A série foi produzida pela criadora de *Weeds*, Jenji Kohan, e estreou no Netflix dia 11 de Junho de 2013. E tem com o *slogan* “cada sentença é uma história”. Sua narrativa televisiva se desenvolve durante a sua temporada na prisão e a protagonista chama-se Piper Chapman (Taylor Schilling) e vai presa pelo mesmo crime que a Kerman escreve em seu livro. A história é centrada na autora, porém em cada episódio há uma nova personagem a ser conhecida, como por exemplo: Red, a cozinheira Russa; Nicky a



garota abastada e drogada; Tiffany “Pennsatucky” a evangélica radical e fundamentalista; Sophia Buset que é um ex-bombeiro transexual. Além de seus familiares e seu noivo, Larry Bloom (Jason Biggs) e também sua ex-namorada, Alex Vause que é também uma das detentas.

O objetivo geral consiste em elaborar um modelo analítico, por meio do fio narrativo da chave de fenda e como ela se comporta como uma trama para causar tensão na série produzida pela Netflix, “*Orange is the new black*” e assim, ser capaz de investigar os modos de estruturação da tramas, seus arcos principais dos personagens da narrativa acerca desta ferramenta.

Este artigo é resultado do segundo ano do PIBIC sobre o estudo das narrativas seriadas e a criação de um modelo analítico a respeito do programa televisivo. Neste ano, a série escolhida foi “*Orange is the new black*” e ocorreu em três etapas: estudar as definições sobre narrativa e sua complexidade; a cultura das séries; e o modelo narrativo proposto pelo canal *on demand*, Netflix, que lança todos os episódios de uma vez, e o assinante não precisa esperar uma semana para que assista o próximo. A escolha da série não foi por acaso e sim pelo motivo dos inúmeros prêmios que ela levou, como por exemplo: Prêmios Emmy Primetime em 2014 e 2015. E devido a sua complexidade de variar do drama à comédia com destreza da vida de Piper Kerman que vai presa por lavagem e tráfico internacional de dinheiro e terá que viver em reclusão por 15 meses em uma prisão de segurança média com várias mulheres diferentes e segurar seu relacionamento, heterossexual, à distância com seu noivo. Piper, a protagonista, vivia uma vida de glamour (onde todos se vestem de preto), e viu sua vida se transformar em uma presidiária que tem que vestir uma roupa laranja (*Orange*, em inglês, por isso o nome da série). E criando uma situação dramática, sua ex-namorada está no mesmo local e supostamente a traiu, incriminando-a.

Durante a narrativa, há *flashbacks* da vida de Piper e das outras detentas que cruzam por sua vida.

A criação deste artigo busca mostrar o arco narrativo que liga os personagens por meio da chave de fenda.

As técnicas utilizadas foram: primeiramente, a leitura e fichamento de alguns livros básicos sobre narratologia, cultura televisiva e de séries e o novo modelo proposto pelo Netflix. Estudo da dissertação de mestrado do aluno João Eduardo Silva de Araújo com título, “*Crystal Blue Persuasion: a construção do mundo ficcional no seriado televisivo Breaking Bad*”, defendida no ano de 2015 em Salvador na UFBA. Em

seguida, foi assistida a primeira temporada da série inteira, da qual analisaram-se os arcos narrativos e escrevendo o resumo de cada capítulo.

Neste artigo, trataremos de apenas um dos arcos narrativos, devido ao limite de páginas, pois em alguns episódios podem ter mais de quatro arcos narrativos e assim aumentando o tamanho do escrito.

A série “Orange is The New Black” e seus arcos narrativos

A série “*Orange is the new black*” foi criada em 2013 por Jenji Kohan, mesma criadora de *Weeds* (Showtime, 2005-2012). Há em cada episódio de toda sua primeira temporada uma protagonista do “dia”. Assim o público vai conhecendo e criando empatia com a vida pregressa de cada detenta, por meio de flashbacks, por exemplos: Red (Kate Mulgrew), cozinheira, russa e na primeira temporada não sabe-se o porquê da sua prisão, mas leva-se a uma conclusão que ela, provavelmente, era ligada à máfia russa; Poussay (Samira Wiley) uma atleta corredora, que fora presa por ter roubado uma loja; Srta Claudette (Michelle Hurst) que fez justiça com as próprias mãos, matando um senhor que molestou uma funcionária da sua empresa. Cada personagem e sua história aparecem em um episódio e criando arcos para os outros que virão, criando uma sequência de eventos. “Sequência é uma série lógica de núcleos, unidos entre si por uma relação de solidariedade”(BARTHES, 2009, p.40) e determina a função de cada uma naquela instituição e o que provavelmente elas podem agir em momentos de pura alegria, tensão ou ódio. Por exemplo, Tiffany 'Pennsatucky' Doggett (Taryn Manning) tenta matar a protagonista por ter sido enganada em umas das tramas, pois a mesma é enganada por Piper e sua ex-namorada, Vause, levando-a a passar um tempo na solitária. No passado mostrado em flashback, a evangélica fundamentalista entrou em uma instituição e matou as pessoas que trabalhavam no local, sendo presa. Portanto, iremos descrever ou classificar as personagens das narrativas, não segundo o que são, mas segundo o que fazem.

A série mostra o que elas fizeram no passado que causaram a cometer crimes e suas consequências dentro da prisão. Conforme um dos autores, ele escreve: “Uma das funções da narrativa é cambiar um tempo num outro tempo” (GENETTE, p.31). Por isso a importância de se estudar os fios narrativos das séries complexas de televisão contemporânea. “Narrativas complexas seriam aquelas que misturam as duas dimensões fortalecendo a dimensão episódica sem deixar de investir num alto grau de continuidade” (ARAUJO, 2015, p.44).

Em uma narrativa complexa, há um conceito chamado fios narrativos:

“um fio narrativo é uma estrutura composta por uma série de eventos conectados por vínculos causais que envolvem um conjunto específico de atores em um dado curso de ação” ARAUJO apud WOLF(2015, p.58).

Neste artigo vamos falar de apenas um fio narrativo que na série ocorre por causa de um objeto, a chave de fenda, criando uma nova trama que originam vários efeitos como a ida à solitária de Poussay, pois foi acusada de ser culpada do sumiço do objeto e a mudança de comportamento de Piper na cena final da primeira temporada. Em cada episódio, nos quais aparecem a ferramenta, há uma tensão dramática.



Figura 1 – Primeira aparição da chave de fenda no 4º episódio da 1ª temporada.

Na figura 1, o policial(Luschek) explica as regras afirmando que nenhuma ferramenta poderá sair deste local, caso aconteça, a culpada irá à solitária. E para ter esse controle, cada utensílio que se pega, entrega-se uma plaqueta e depois de devolver, recebe-se de volta a etiqueta de metal. Depois do discurso sobre as regras, Luschek pega o manual e uma chave de fenda e entrega a Piper, figuras 2 e 3, sem que ela nada saiba fazer com seus instrumentos (figura 4) e sem pegar a placa de controle das ferramentas.



Figura 2 – Luschek entrega uma luz quebrada e a chave de fenda a Piper.



Figura 3 – Piper observa seus instrumentos de trabalho.



Figura 4 – Piper com a chave de fenda

Por acidente, Piper coloca a ferramenta dentro do casaco (Figura 5) e, quando está fora, percebe que saiu com a chave, e Poussay não faz a troca da etiqueta, pois o policial entrega a ferramenta direto à Chapman sem notar que era preciso fazer a troca das placas. Logo após, ela é aconselhada a não dizer que levou o apetrecho, mesmo sem culpa, ela seria levada à solitária como exemplo. Então, a responsável pelas chaves era Poussay, indo para a solitária como punição.



Figura 5 – Piper guarda a chave no casaco, por acaso

Ao levar para a sua cela e esconder a chave em seu colchão onde Piper divide com Srta Claudette, Boo (Lea DeLaria) furta o objeto quando vai visitá-la.

A relação da ferramenta com a narrativa simplesmente causa tensão ao público e cria uma atmosfera que algo ruim poderá acontecer. Por ser um objeto cortante, alguém pode ferir ou matar qualquer pessoa dentro da prisão. E Big Boo pega essa chave no episódio que uma ex-namorada vai embora, motivando raiva na personagem, levando todos a pensar que haverá uma tragédia (figura 6).

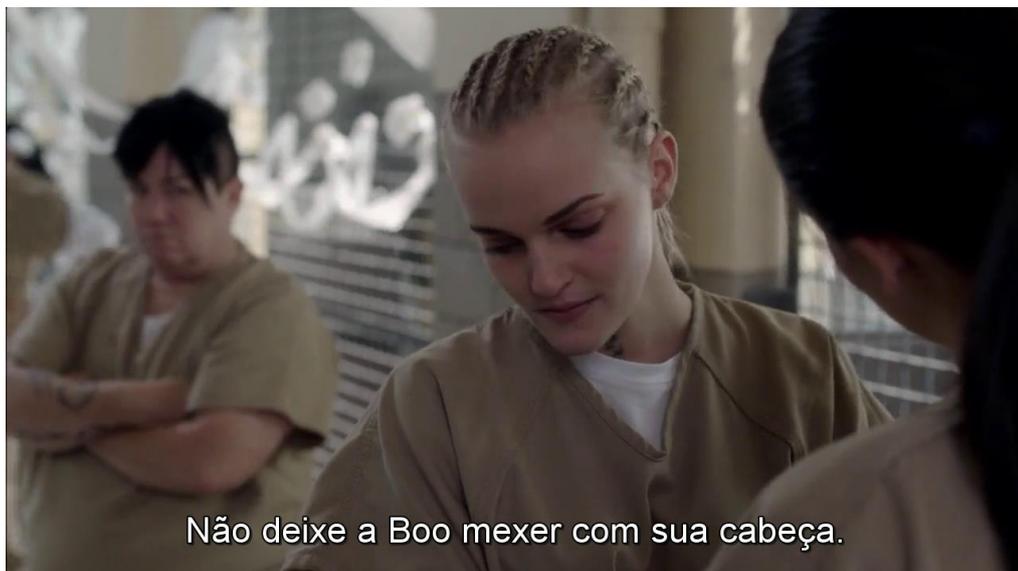


Figura 6 – Boo ao fundo mostrando raiva ao ver a ex-namorada, que vai embora, com a namorada atual.

No final da festa não acontece a desventura. Apenas Lucthek leva escondido outra chave de fenda à sala de consertos e fechando o arco do sumiço da ferramenta para a administração do presídio e trazendo alívio a Piper. No entanto, o que realmente Boo queria, era se masturbar com a chave e aliviar sexualmente, conforme as figuras 7, 8 e 9.

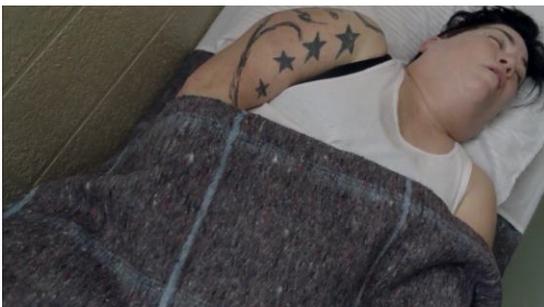


Figura 7 – Boo se masturba com a chave



Figura 8 – A chave usada para se masturbar



Figura 9 – Close da mão e da chave de fenda

O objeto só reaparece no último episódio da primeira temporada quando Piper que está sendo ameaça por Pennsatucky, recebe a ferramenta de presente de Natal de Boo, para se defender, e continuar a viver, conforme visto nas figuras 10, 11 e 12 que são a sequência da cena.

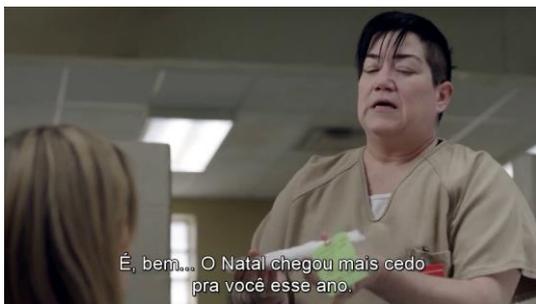


Figura 10 – Piper recebendo o presente de Boo



Figura 11 – Presente com uma frase: “achei que seria necessário. Com amor, sua amiga oculta”(tradução da legenda)



Figura 12 – Close na chave de fenda

Ao enfatizar o close da chave de fenda na figura 12 e de acordo com os escritos na obra “Hitchcock/Truffaut” do próprio diretor francês e citado no livro “O Olhar do Cinesasta”, “o tamanho de um objeto no quadro deve estar diretamente relacionado à sua importância na história naquele momento”(MERCADO, 2011, p.7), causando um

notável destaque, gerando tensão e suspense, levando a quem assiste a expectativa que haverá algo de sórdido neste episódio.

Na sequência das figuras 13, 14, 15 e 16 acontece o ato final onde Piper enfrenta diretamente sua inimiga, Pennsatucky, que a ameaça de morte, em “nome de Deus”. Chapman se afasta e retira a chave de fenda para se defender.



Figura 13 – Pennsatucky ameaça Piper



Figura 14 – Piper tira a chave de fenda da blusa



Figura 15 – Piper tenta se defender com a chave



Figura 16 – Chave cai no chão

Sem sucesso, a protagonista nasce novamente, e um paradoxo ao sentido do Natal, com uma natureza violenta, perde a sua “arma”, parte para o confronto direto com sua algoz, consegue derrubá-la ao chão e socá-la sem parar, finalizando a primeira temporada (figura 17 e 18).



Figura 17 – Piper espanca Pennsatucky



Figura 18 – Plano fechado de Piper Tiffany



Conclusão

A série foi muito bem adaptada do livro, porém na mídia escrita alguns acontecimentos foram muitos condensados e não há os fios narrativos que ligam uma história a outra. Acontece no livro apenas alguns acontecimentos e cita sua rixa com Pennsatucky. Não conseguindo cativar o leitor, como ocorre na série, onde há um processo aditivo das cenas, histórias e personagens.

Sobre o gênero da série é um drama com toques de comédia, mais conhecido como dramédia. Portanto, é uma narrativa complexa por causa de suas histórias paralelas, gerando muitos arcos dramáticos e alguns cômicos. Pelo site do IMDb(*Internet Movie Databank*), ela está categorizada como comédia, crime e drama. A parte cômica serve, apenas, para um alívio dramático, com a intenção de relaxar o público e conseguir emocionar nas cenas seguintes, além de buscar a identificação ou mesmo a empatia com a personagem.

Aborda-se nesse artigo apenas um arco ou fio narrativo que é da chave de fenda que sumiu da sala de manutenção da cadeia. Poderia ter sido usado o modelo actancial do A.J. Greimais para mostrar todos os fios, porém, só será usado no final do projeto do PIBIC, intitulado, “Dramaturgia seriada contemporânea – o caso de *Orange is the new black*”

Ao inserir um objeto, que fura e desaparece da sala de ferramentas, criam-se momentos de tensão em cada episódio que ele aparece e, assim, alcança-se um suspense, causando grandes efeitos como: a ida à solitária, inocentemente, de Poussay; Boo se aliviando sexualmente e, depois, entregando, como presente de Natal, o objeto a protagonista para que ela se defenda de sua inimiga.

A temporada é finalizada com a Piper Kerman esmurrando sua inimiga sem parar, levando ao público a pensar sobre sua transformação (ou nascimento de uma nova pessoa) dentro da prisão: de uma mocinha indefesa, com medo, que vivia nos locais de festas de gente rica, com vestidos caros e glamorosos, transforma-se em uma mulher violenta, passando a usar uma nova roupa, laranja. Ela finaliza a temporada como uma mulher agressiva, espancando sua inimiga até acontecer um *fade out*. E o público saberá o que aconteceu na segunda temporada.



Referências bibliográficas

ARAUJO, João Eduardo Silva de. **Crystal Blue Persuasion: A construção de mundo fíctional no seriado televisivo Breaking Bad**. Salvador: UFBA, 2015.

BARTHES, Roland et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. 6ª ed. Petrópolis-RJ. Ed. Vozes, 2009.

DANTAS, Francisco. **Crise de Audiência**. Observatório da Imprensa. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/_ed793_crise_de_audiencia>. Acesso em 15 Maio 2015, 3:33:15.

GENETTE, Gérard. **O Discurso da Narrativa**. Coleção Vega Universidade.

IMDb, Internet Movie Database. **Orange is the New Black**. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt2372162/?ref_=nv_sr_1> . Acesso em: 30 de maio de 2015.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. Série Princípios. 10ª edição, 5ª impressão. São Paulo: Editora Ática..

KERMAN, Piper. **Orange is the new black**. 1ª ed, Rio de Janeiro. Ed. Intrínscica, 2014.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 6ª.ed, São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.

MERCADO, Gustavo. **O Olhar do Cineasta: Aprenda (e quebre) as regras da compisição cinematográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MITTELL, Jason. **Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea**. In: Revista Matrizes. São Paulo, vol. 5, n°2, PP. 29 – 52, 2012.

RODRIGUES, Sonia. **Como escrever séries: roteiro a partir dos maiores sucessos da TV**. São Paulo: Aleph, 2014.

TRUFFAUT, François. **Hitchcock/Truffaut – Entrevistas**. 1ª Ed. Brasil. Ed. Companhia das Letras, 2004.